

Fábrica de Noobs

**Desmistificando: cidade perdida
na Amazônia**

Natanael Antonioli

Janeiro de 2024

1. SUMÁRIO

1. Sumário	2
2. Identificação da história	3
3. Qual o artigo original?	4
4. Onde o sítio arqueológico foi descoberto?	5
5. O que a pesquisa de LIDAR revelou?	6
6. O que as escavações revelaram?	13
7. Essa localização é Ratanabá?	17
8. Conclusões	22

2. IDENTIFICAÇÃO DA HISTÓRIA

Em janeiro de 2024, uma publicação científica relatou a descoberta de uma cidade perdida na Amazônia. Muitos alegam que, finalmente, a lendária cidade de Ratanabá foi descoberta e as alegações de Urandir e da Dákila se comprovaram.

A reprodução fica por conta de múltiplas postagens no Twitter (<https://twitter.com/Astronomiaum/status/1746513286831432177>).

Figura 1: postagem no Twitter.



3. QUAL O ARTIGO ORIGINAL?

A melhor forma de entendermos essa descoberta não é através de sites de notícias, mas através do artigo científico original. Ele foi publicado na revista Science no dia 11 de janeiro de 2024 (<https://www.science.org/doi/10.1126/science.adi6317>).

Figura 2: artigo original.



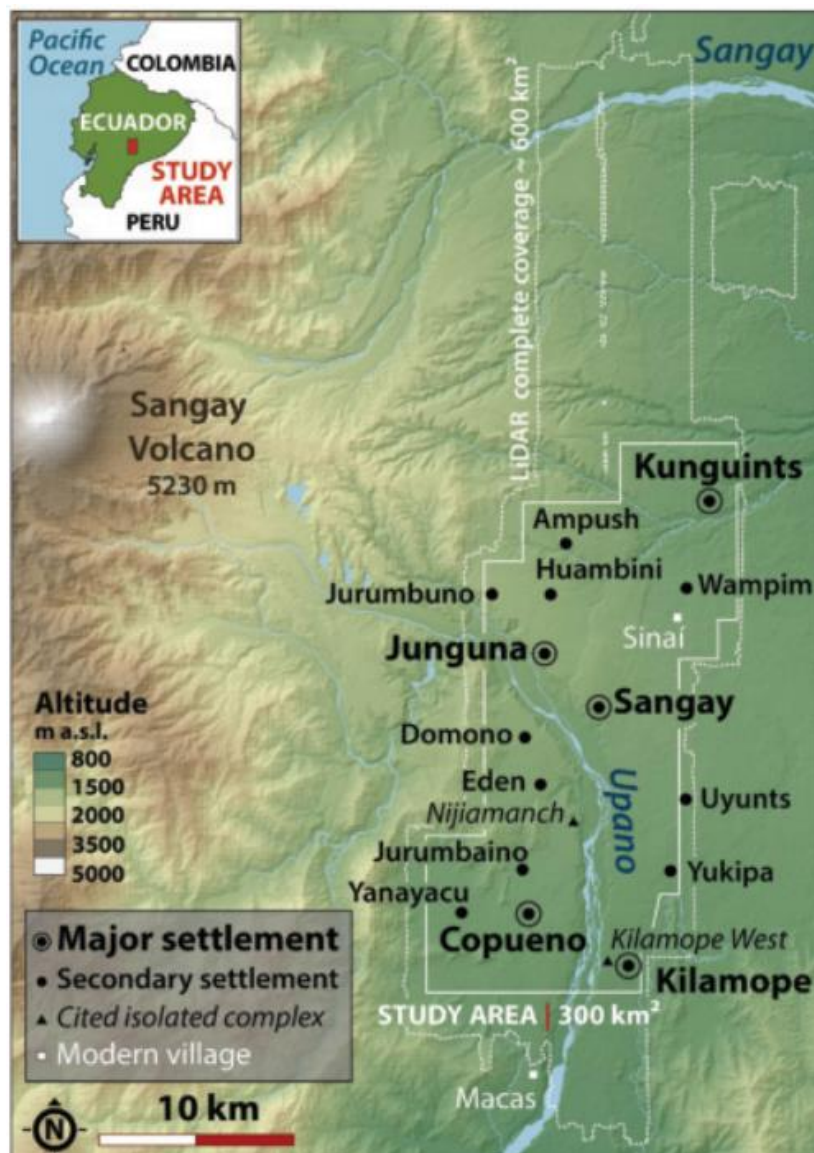
O artigo original, no momento, não se encontra disponível no Sci-hub. Porém, com um esforço considerável, fomos capazes de baixar toda a revista Science, isolar o artigo e enviá-lo no WebArchive. Você pode lê-lo em <https://archive.org/details/059-065>.

Um adendo ao artigo encontra-se disponibilizado de forma gratuita em https://www.science.org/doi/suppl/10.1126/science.adi6317/suppl_file/science.adi6317_sm.pdf.

4. ONDE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO FOI DESCOBERTO?

A Floresta Amazônica é uma floresta tropical que ocupa diversos países da América do Sul. Essa descoberta se deu na Floresta Amazônica, mas **no sopé dos Andes equatorianos margeando o Rio Upano** (<https://www.google.com/maps/place/Sangay/@-2.0446811,-78.3633518,10.79z/data=!4m6!3m5!1s0x91d24726c22fe4b9:0xe7641ca95f44cf35!8m2!3d-2.0142176!4d-78.3273245!16zL20vMDYxM2J5?entry=ttu>), nas proximidades do Vulcão Sangay.

Figura 3: local em que o assentamento foi descoberto.



5. O QUE A PESQUISA DE LIDAR REVELOU?

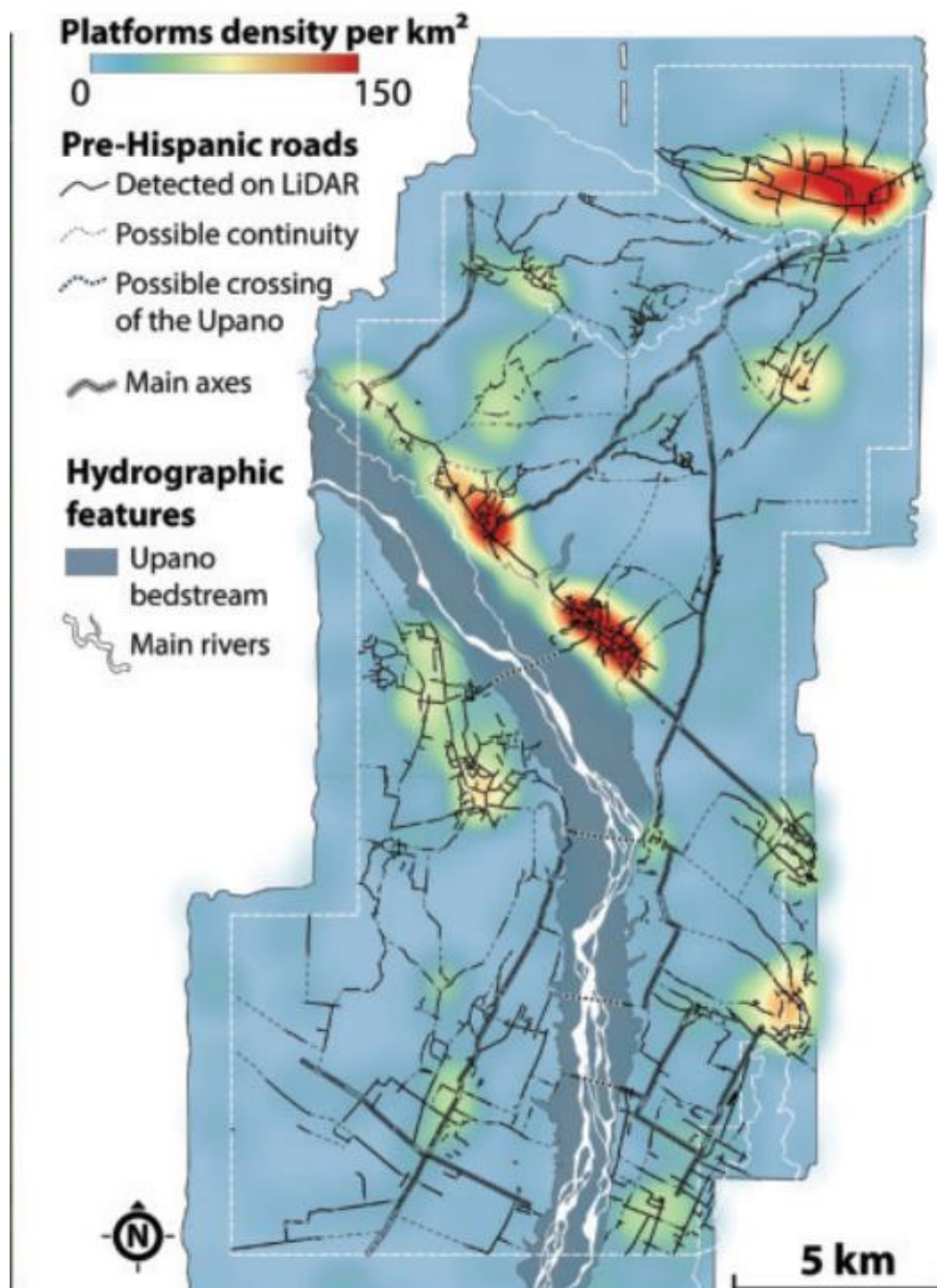
LIDAR (*Light Detection and Ranging*) é uma tecnologia que usa luz para detectar a distância de uma plataforma (como um avião ou drone) até uma superfície. Um estudo de LIDAR foi encomendado em uma área de 300 quilômetros quadrados, e **revelou a presença de múltiplas estruturas antropogênicas.**

Figura 4: estruturas antropogênicas vistas na forma de retângulos organizados e estradas.



Um elemento bastante comum nessa área são plataformas elevadas, que aparecem na imagem de LIDAR como retângulos. **Há cerca de 6000 plataformas**, espalhadas ao longo da área em trechos de maior densidade, e essas plataformas **têm geralmente 10 metros de largura, 20 metros de comprimento e uma altura de 2 a 3 metros**.

Figura 5: distribuição de plataformas na região.



As plataformas raramente ocorrem isoladas, mas **em grupos de 3 ou 6 ao redor de uma praça, marcada por uma plataforma central**. Alguns complexos são pequenos, com 1600 metros quadrados e **provavelmente possuíam função residencial**, mas outros são maiores, com 5600 metros quadrados (40 metros por 140 metros), e **provavelmente possuíam função cerimonial**.

Esses complexos de plataformas, por sua vez, se agrupam em assentamentos maiores. A pesquisa **identificou 5 sítios principais, grandes e densos, e mais 10 sítios secundários, menores e menos densos**.

Foram dados nomes a esses assentamentos. Conforme visto no primeiro mapa, **Sangay tem a maior densidade (de 125 plataformas por metro quadrado)**, ao passo que Junguna e Kunguints **aparentam serem assentamentos residenciais**. Já Copueno e Kilamope **aparentam serem assentamentos cerimoniais**.

A presença de trincheiras bloqueando acesso à Sangay e estradas obstruídas próximas à Copueno indicam que **os habitantes desse complexo provavelmente sofriam ameaças de tribos vizinhas**.

Figura 6: mapa dos assentamentos.

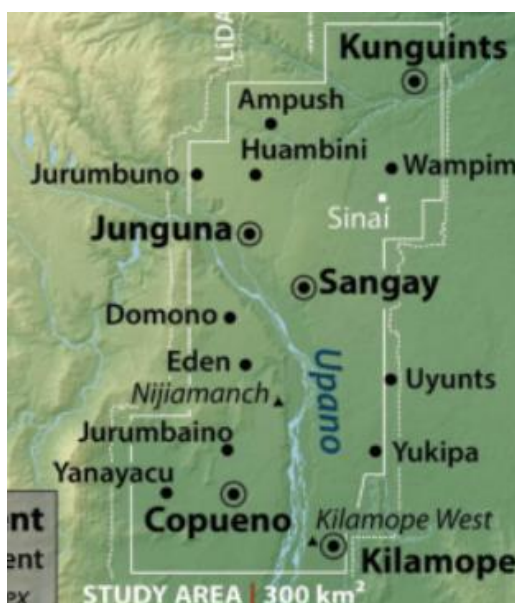


Figura 7: mapa de Sangay.

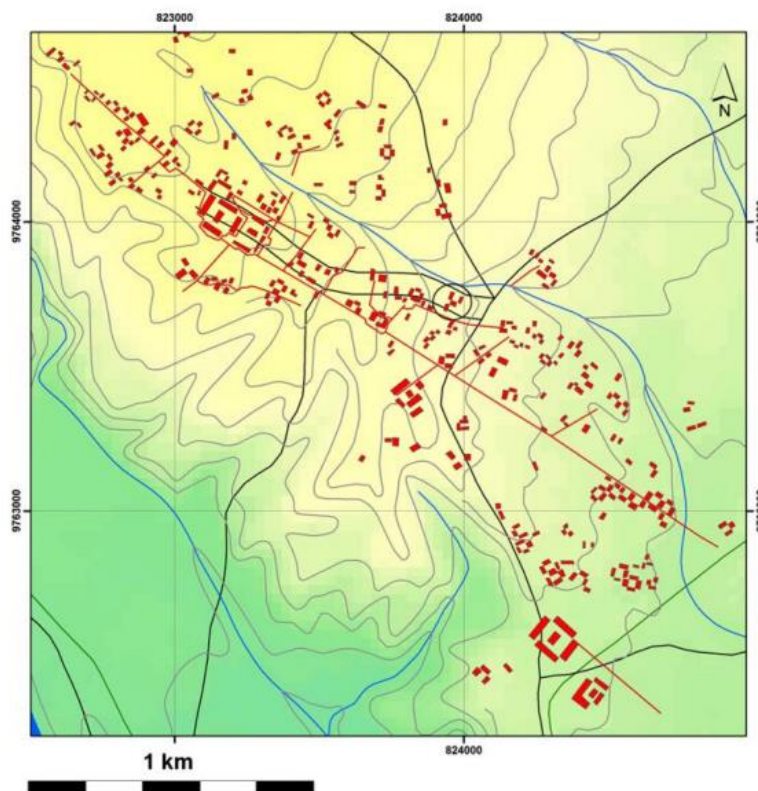


Figura 8: mapa de um dos complexos em Sangay.

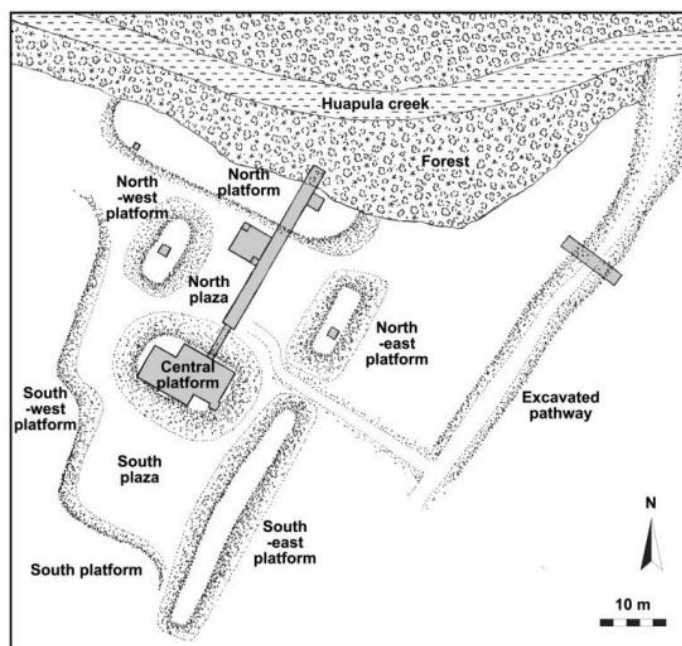
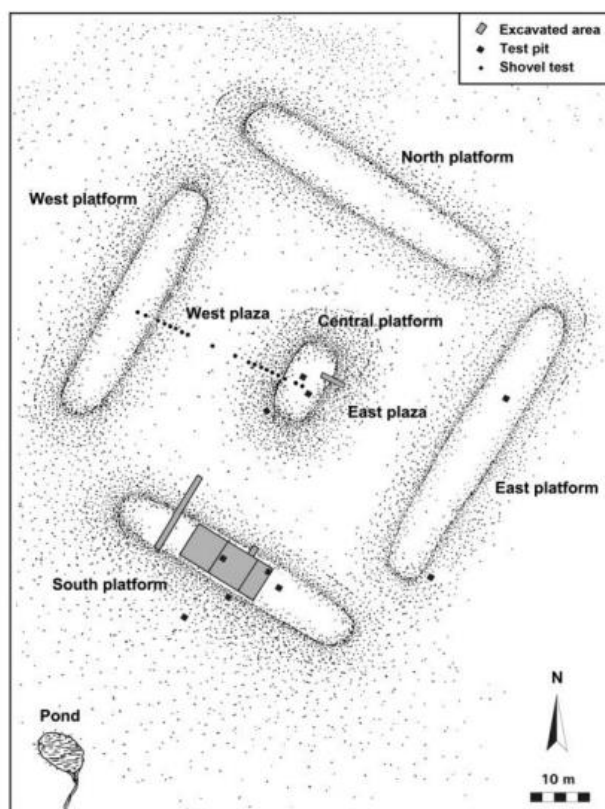


Figura 9: vista aérea do complexo em Kilamope.



Figura 10: mapa do complexo em Kilamope.



A pesquisa também notou que múltiplas colinas naturais de origem vulcânica **foram artificialmente achatadas provavelmente para permitir construções em seu topo.**

O elemento mais notável descoberto foi **a presença de uma extensa rede de estradas que foram escavadas no solo para ligar os assentamentos.** Quatro tipos de estradas são descritos.

O tipo mais comum consiste de **estradas e caminhos a pé (diferenciados pela largura) retas.** Essas estradas **possuem forma de U**, com 6 metros para os menores e 15 metros para os maiores, **criando uma superfície plana de 2 a 5 metros de largura e 2 a 3 metros de profundidade.** As maiores estradas têm 14 e 25 quilômetros de comprimento.

Figura 11: estradas cavadas.



O segundo tipo consiste de **estradas que apenas ocasionalmente são cavadas, mas em geral tendem a seguir o terreno**. O terceiro tipo **consiste de possíveis passarelas elevadas** com canais paralelos nos lados, ao passo que o quarto tipo **consiste de estradas que terminam em ravinas possivelmente usadas para escoamento de água**.

A pesquisa também revelou múltiplos indícios de agricultura. Há vestígios de **extensos campos de cultivo**, divididos em lotes que possuem de 10 a 40 metros de largura e dezenas de metros de comprimento. Os lotes **são divididos por trincheiras de 40 centímetros de profundidade e 4 metros de largura, conectadas com canais para drenagem de água**.

6. O QUE AS ESCAVAÇÕES REVELARAM?

Escavações foram conduzidas em Sangay e em Kilamope desde a década de 80, uma vez que esse sítios já eram conhecidos, mas não haviam sido mapeados como parte de um único complexo (<https://journals.openedition.org/bifea/1825>).

Figura 12: escavação em Sangay.



Figura 13: escavação em Kilamope.



Pedro Porras, um dos primeiros pesquisadores a estudar o local, propôs uma datação que hoje é considerada pela maioria dos especialistas como errônea. Uma datação mais precisa, com base nos artefatos encontrados nos locais, foi proposta. Ela **envolve uma ocupação feita por quatro ou cinco culturas diferentes.**

A primeira cultura, chamada de cultura de Sangay, **ocupou o local entre 700 a.C. e 500 a.C., deixando poucos vestígios e sendo sucedida pela cultura de Kilamope, que construiu os primeiros montes e produziu cerâmicas com decorações curvilíneas.**

Figura 14: objeto da cultura Sangay.

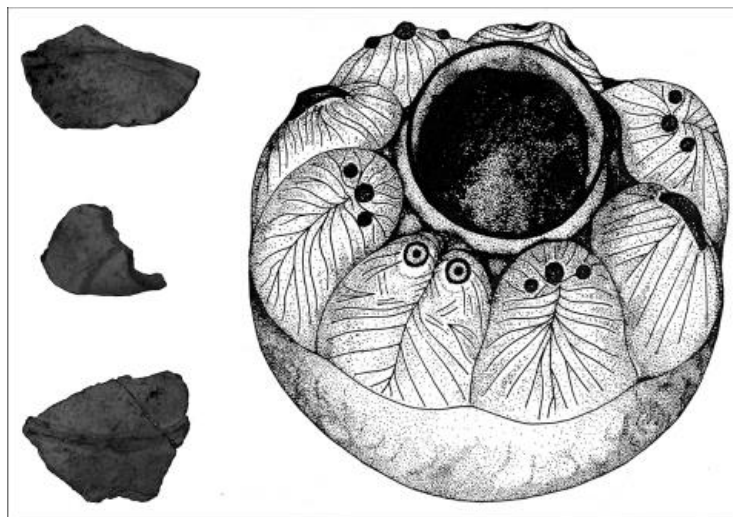
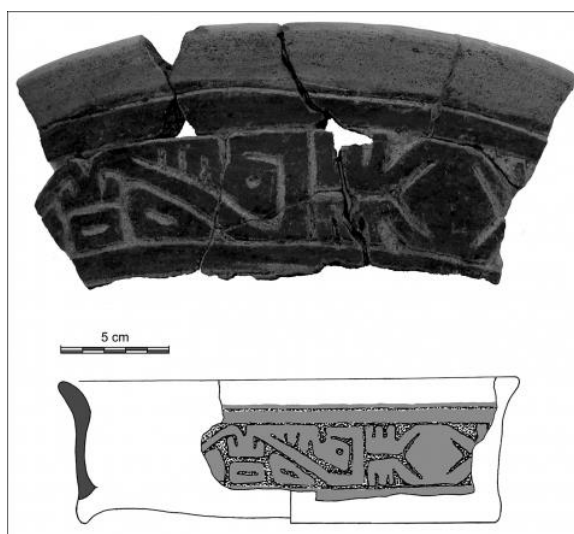


Figura 15: objetos da cultura Kilamope.



De forma contemporânea, a cultura de Upano ocupou o local de 500 a.C. até o ano 600 d.C., produzindo cerâmicas com decorações retilíneas.

Figura 16: objetos da cultura Upano.



Após o abandono do local, a cultura de Huapula o ocupou do ano 800 até o ano 1200, e produziu cerâmicas com padrões ondulados.

Figura 17: objetos da cultura Huapula.



Por fim, a cultura de Shuar, os herdeiros dos Huapula, **se fragmentaram em pequenos grupos e ocuparam o local até ao menos o fim do século XIX.**

Figura 18: objetos e membros da cultura Shuar.



7. ESSA LOCALIZAÇÃO É RATANABÁ?

Em junho de 2022, a Dákila Pesquisas anunciou a descoberta de Ratanabá, uma cidade perdida na Amazônia. Com a publicação desse artigo, muitos perfis influentes (<https://twitter.com/forumpandlr/status/1746567845410980198>) alegaram ou sugeriram que as descobertas feitas pela Dákila estariam, finalmente, corretas.

Figura 19: postagem no Twitter.



Porém, Ratanabá, tal qual foi anunciada, **é completamente diferente da descoberta publicada em janeiro**. Em primeiro lugar, a localização: a Dákila afirmou que Ratanabá estaria no Brasil, mais especificamente, nas Linhas de Apiacás, uma formação geológica no norte do Mato Grosso (<https://www.google.com/maps/@-8.1115378,-57.8954954,8725m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>). Porém, a cidade descrita fica no Equador, há mais de 2 mil quilômetros de onde Ratanabá estaria.

Figura 20: distância entre a suposta Ratanabá e a cidade descoberta.



Em segundo lugar, Ratanabá deveria possuir 600 milhões de anos, mas a cidade descoberta, porém, **possui apenas 2500 anos**. Em terceiro lugar, Ratanabá deveria ter sido fundada por uma civilização extraterrestre e habitada por gigantes, mas **a cidade descoberta foi fundada por seres humanos de estatura normal**.

Em quinto lugar, Ratanabá deveria ser uma cidade altamente tecnológica, com um equipamento poderoso o bastante para provocar a Anomalia do Atlântico Sul. Entretanto, a cidade descoberta **era habitada por pessoas que dominavam somente a agricultura e a cerâmica**.

Por fim, em quinto lugar, Ratanabá deveria conter “ouro suficiente para acabar com a miséria do mundo”. A cidade descoberta, entretanto, **não contém ouro nenhum**. Além disso, essa afirmação é ingênua: saturar o mercado com ouro **apenas reduziria o valor do ouro ou aumentaria o preço dos alimentos e outros itens de subsistência**.

Na época, nós (em um vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dJddI1YtKTQ>) e muitos especialistas **demonstraram que as alegações da Dákila não possuíam base**. Em nosso vídeo, mencionamos o quão uma pesquisa de LIDAR nas Linhas de Apiacás seria importante.

Essa pesquisa foi feita pela Dákila (<https://www.dakilapesquisas.com.br/noticias/tecnologia-lidar-confirma-existencia-da->

[cidade-perdida-na-amazonia-brasileira/](#)) e, por mais que a instituição produza numerosos materiais insistindo na comprovação da descoberta, as imagens cruas são bastante decepcionantes, pois **não mostram absolutamente nenhum relevo cuja ação antropomórfica seja sugerida** (como montes retangulares), **apenas a presença de sulcos retilíneos cuja origem pode ser natural.**

Figura 21: imagem de LIDAR das linhas de Apicás.

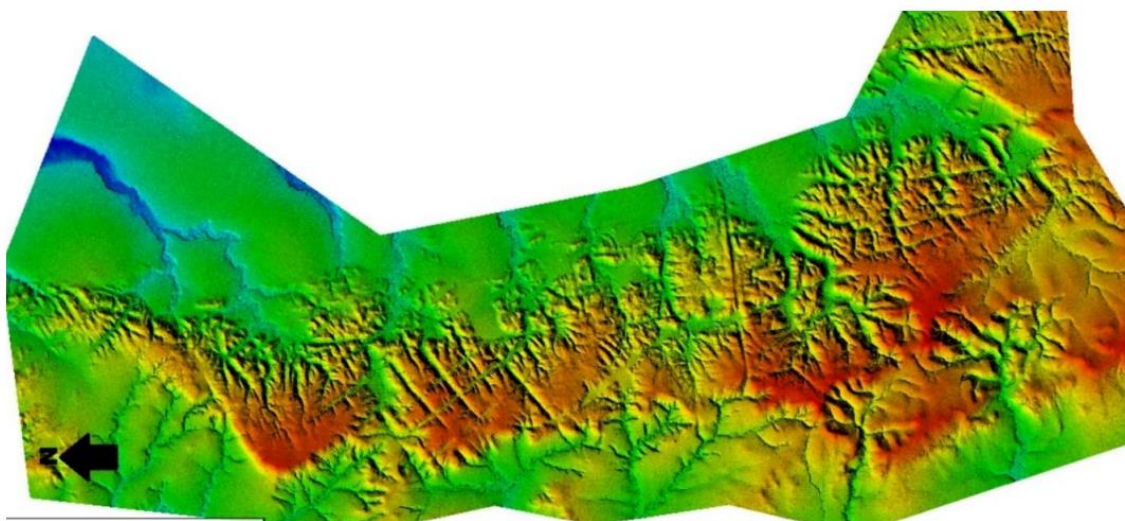
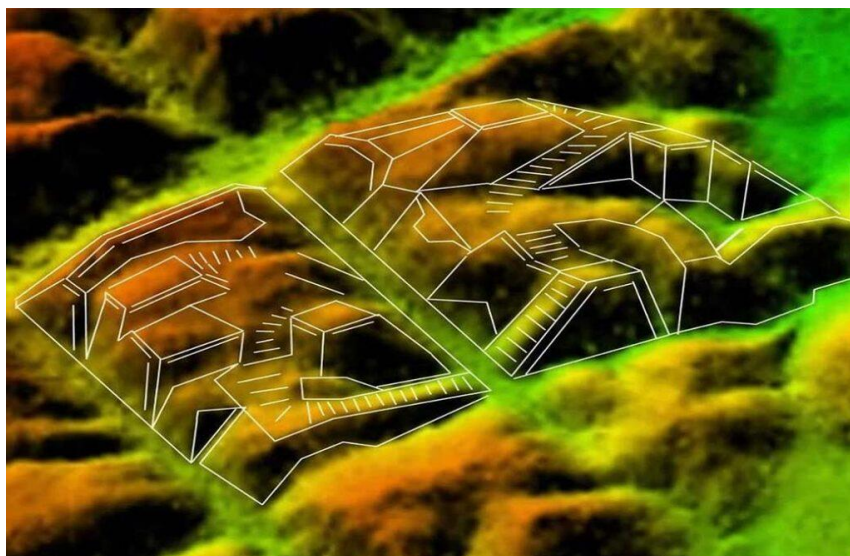


Figura 22: ainda assim, a Dákilia afirma que Ratanabá foi “comprovada” apresentando imagens nas quais a real forma do terreno é coberta por linhas traçadas no computador.



Figura 23: outra apresentação da Dákila, em que padrões inexistentes são sugeridos por meio da sobreposição de linhas.



É importante lembrar que, quase 2 anos depois, **nenhuma descoberta massiva de vestígios de civilização nas Linhas de Apicás foi feita**. As publicações da Dákila (vistas em <https://www.dakila.com.br/noticias/>) se limitaram a **apresentar ruínas e pinturas rupestres descobertas em locais esparsos do Brasil** com outras origens. Para fins de comparação, as imagens abaixo mostram civilizações reais descobertas através de LIDAR.

Figura 24: cidade maia descoberta com LIDAR.

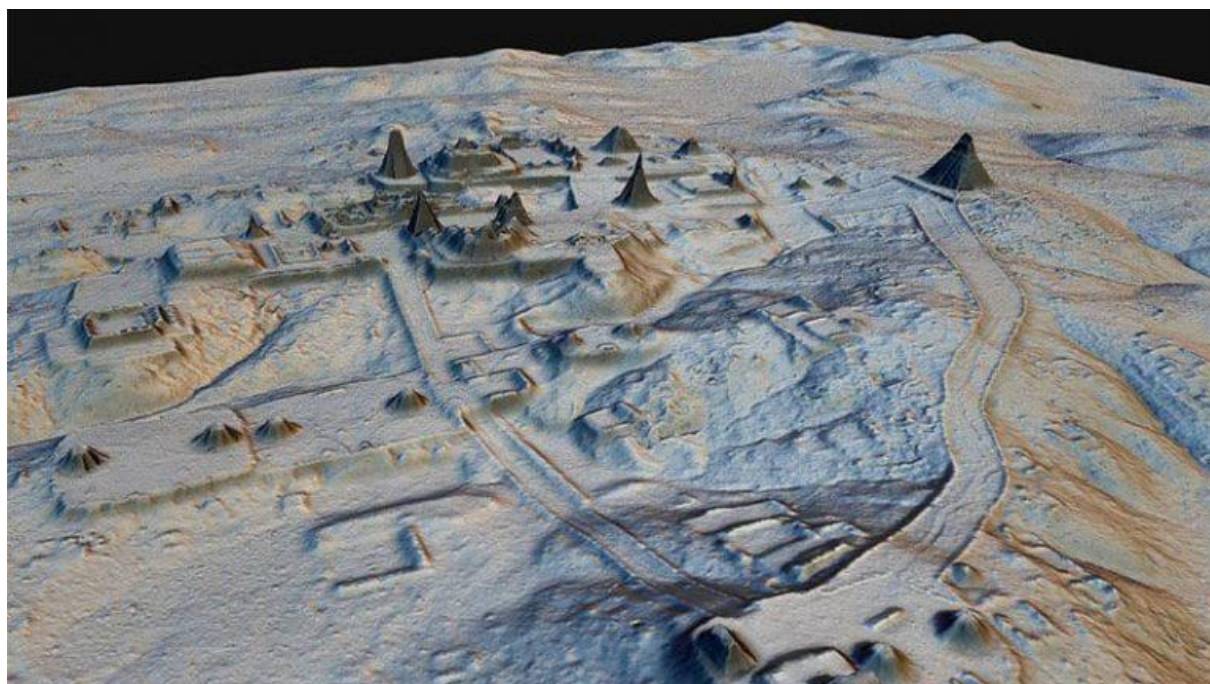


Figura 25: ruínas olmecas descobertas com LIDAR.

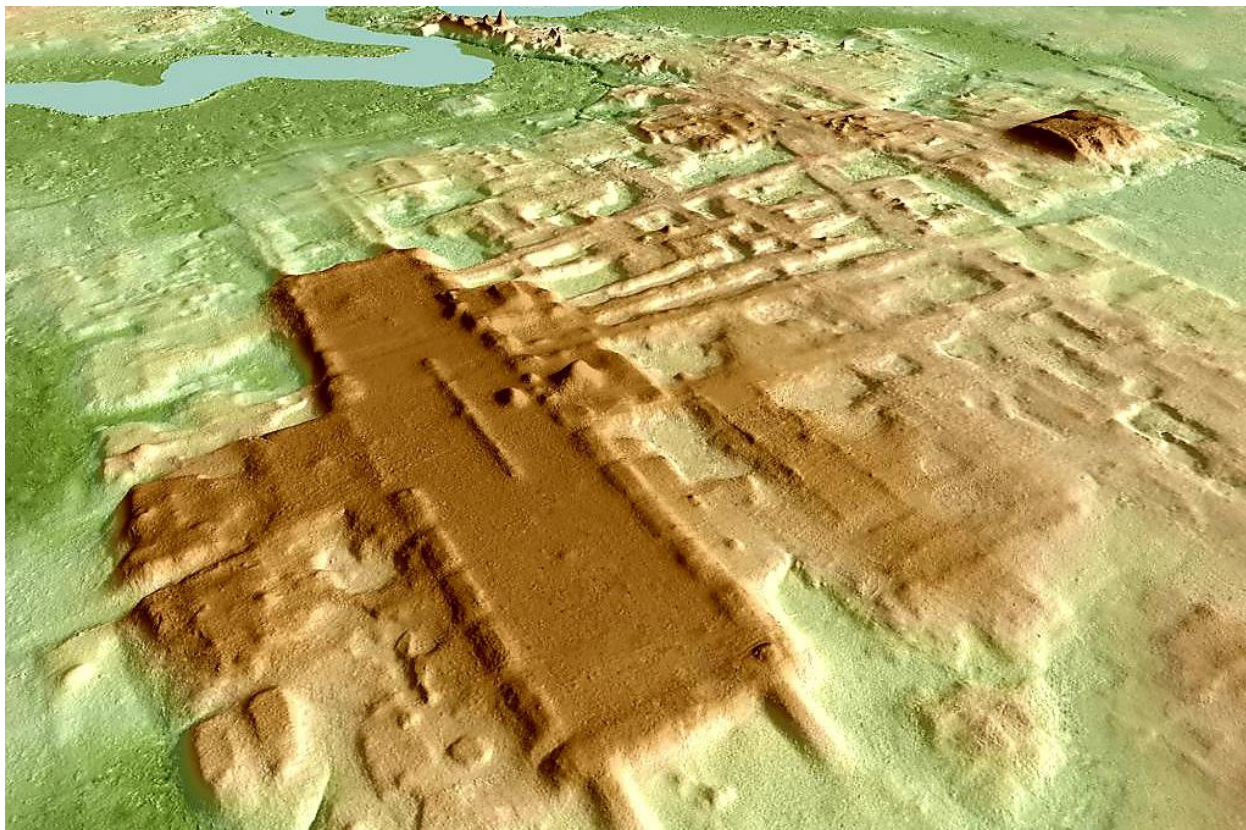
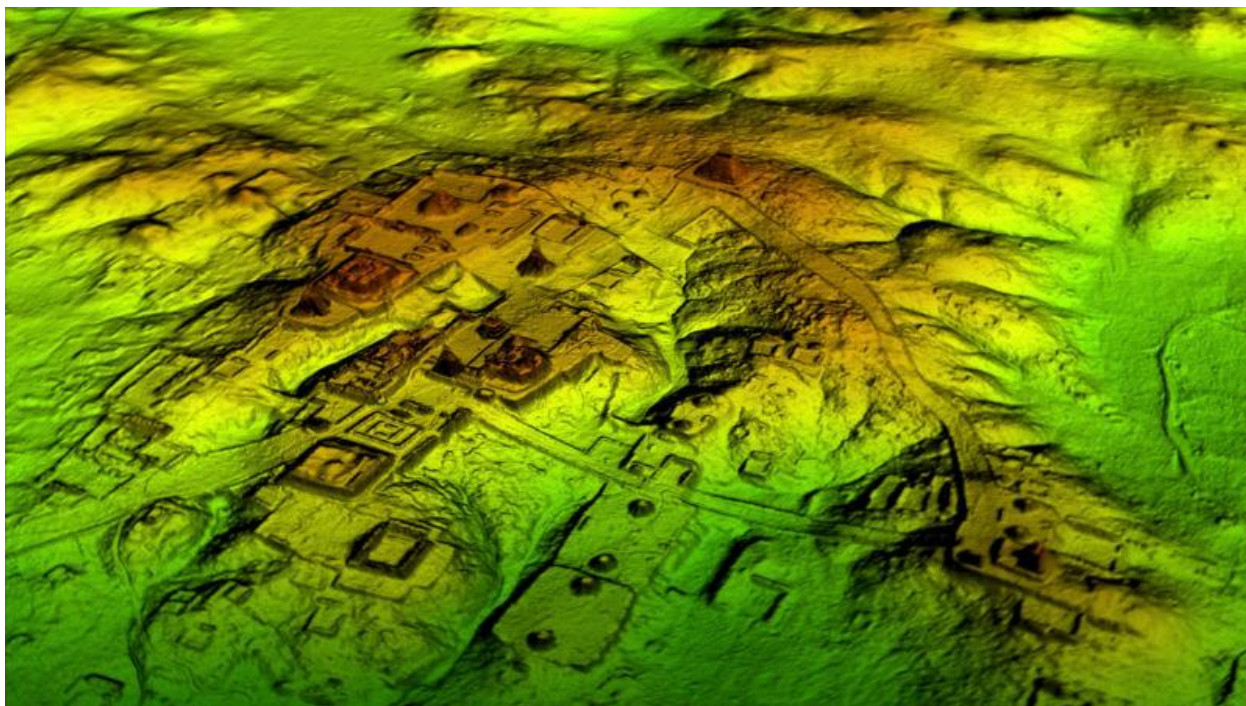


Figura 26: cidade maia descoberta com LIDAR.



8. CONCLUSÕES

Assim, verifica-se que a região em questão era ocupada, desde o início da Era Cristã, **por uma civilização que se organizava em múltiplos núcleos**. Isso contradiz a visão tradicional, na qual a Amazônia sempre foi uma “floresta virgem” ocupada por sociedades tribais.

Essa civilização **se organizava em um estilo denominado “cidades jardins”**, em que **assentamentos populacionais eram separados por lotes agrícolas, esses irrigados por um sistema de escoamento pluvial**. Esses espaços **eram interligados por estradas, que se mantêm retilíneas mesmo ao atravessarem morros e ravinas**.

Esses assentamentos **são mais antigos que os demais assentamentos conhecidos na Amazônia** (como em Llanos de Moxos ou no Xingu) e, até que se prove o contrário, **mais densamente construídos e interligados**.

A publicação de janeiro, certamente, **representa uma importante descoberta que nos ajuda a melhor compreender a história da América pré-Colombiana**. Entretanto, ela é uma descoberta mundana, que **não desafia em nenhum aspecto o que entendemos da história da humanidade como um todo, tampouco nos obriga a acatar explicações fantásticas**.

Assim, **é completamente falso que Ratanabá tenha sido finalmente descoberta**, já que **a cidade descrita no artigo não tem nenhuma das características de Ratanabá**. Muitas outras cidades provavelmente serão descobertas na Amazônia, mas **estar na Amazônia não é condição suficiente para concretizar o anúncio de Ratanabá**.